

FABRÍCIO FREITAS



Selo de
BARTHOLOMEU



Selo de
BARTHOLOMEU

FABRÍCIO FREITAS



LITÉRARIAS

O SELO DE BARTHOLOMEU

Capítulo 1 – Ruínas de uma Memória Inexistente

Anthony olhou para baixo, segurando-se no parapeito para verificar mais uma vez a profundidade da queda. Preparando-se para saltar e pronto para aceitar seu destino, ele pensava em como jamais poderia ter previsto tal desfecho para sua breve vida. Ele odiava alturas e sentia-se sem chão somente de olhar o vazio perante si. Os gritos e súplicas de Júlia para que ele descesse e desistisse de sua insensatez eram abafados pelos seus pensamentos e pelo vento forte e gélido que castigava o topo da represa.

A barragem devia ter no mínimo uns cem metros de altura, semelhante a um prédio de trinta andares. Anthony nunca tivera pensamentos suicidas e sempre prezou bastante pela sua vida, mas aquilo envolvia mais pessoas e era maior que seu próprio egoísmo. Nem mesmo Júlia o faria desistir de sua convicção; ele não suportava mais a dúvida daquela realidade. Tudo parecia tão falso desde que ele voltara. Nada se encaixava ou fazia sentido algum.

O modo como sua família agia, seus amigos e principalmente Júlia, sua melhor amiga; todos pareciam estar interpretando personagens de uma ficção distorcida. Aquele mundo onde ele se encontrava não era real, a comida não tinha sabor, a água não matava sua sede, o sol não lhe aquecia e, o pior de tudo, ele não conseguia sentir nada por mais que tentasse ou quisesse.

A única coisa verdadeira era a certeza de que ele estava no lugar errado. Ele sentia que devia voltar para seu mundo e terminar o que havia começado. Anthony sabia muito bem o que deveria fazer para retornar e não havia hesitação em seu olhar. Disposto a tomar aquela atitude que mudaria tudo, ele se lembrava dos eventos que o levaram até aquele exato momento e o guiaram até esta escolha. Recordava-se claramente de sua jornada que havia se iniciado há poucos meses. Tais lembranças se assemelhavam a memórias de um passado que nunca existira, mas que eram suficientemente reais para ele.



A sua primeira recordação de quando tudo começou era a de estar estirado no chão frio e enlameado debaixo da intensa chuva. Anthony lembrava-se da dor que sentia,

como se ele tivesse sido atropelado por um caminhão na estrada e deixado lá para morrer agonizando de dor. Ele não se lembrava de como acabara naquele lugar, só sabia que sentia uma dor excruciante em todo seu corpo, principalmente na cabeça, assemelhando-se a mil agulhas atravessando ao mesmo tempo o seu crânio.

Tom, como preferia ser chamado, recordava-se do gosto metálico de sangue em sua boca e de todos os ossos de seu corpo doendo como se estivessem sido estilhaçados pela mais bestial das feras. Ao fechar seus punhos sobre a lama, ele sentiu a terra entrando sob as unhas e a água gelada anestesiando levemente a sua dor. Ele levantou a cabeça e olhou à sua volta, mas não conseguia enxergar nada de forma clara; só conseguia identificar silhuetas e vultos que lhe davam a impressão de estar em um ambiente com paredes incrivelmente altas e sem teto.

Cada célula do seu ser rogava para que ele ficasse no chão e esperasse o fim daquela experiência horrenda. A dor que ele sentia era lancinante, porém a dor física não o incomodava tanto quanto aquela sensação horrível de angústia em seu peito, de impotência e horror. Tom sentia a ansiedade dominar seus sentidos; o queixo tremendo e os dentes batendo de tanto frio, a mesma sensação que o dominava quando estava muito nervoso ou temeroso por algo o tomava agora. Suas orelhas queimavam e seu pé formigava. Com muito esforço pôs-se de pé e recostou-se em uma parede fria e cheio de musgos, indicando que o local em que se encontrava era antigo e inabitado, para finalmente poder olhar melhor onde se encontrava.

O céu estava tão escuro quanto às lentes de seu telescópio ao mirar o infinito e vasto oceano celeste, porém sem todas as luzes das estrelas para abrilhantar a noite. A única fonte de luz eram os relâmpagos que iluminavam momentaneamente seu horizonte, dando um ar fantasmagórico ao lugar e entoando ao longe o som da fúria da natureza. Após os primeiros momentos de espanto, ele começou a recobrar a razão, mas subitamente ouviu um som semelhante a galopes na lama, um barulho abafado pelo temporal.

Logo uma pergunta ecoou em sua cabeça: “Será que estou sozinho?”. Seus músculos paralisaram diante do seu próprio medo e todo o seu corpo se enrijeceu. Seu coração batia rápido, lembrando-lhe as batidas de um tambor no ritmo de um filme de terror; se não fosse pela chuva, ele tinha certeza que conseguiria escutá-lo claramente.

Tom não era nenhum covarde, ao contrário, sua valentia já havia lhe metido em diversos problemas; contos, porém, para outra hora. Ele sentia seu sangue pulsando em suas veias e esse pressentimento horrível de que aquele local era perigoso e que, se ele

continuasse ali, algo de ruim aconteceria. Ele procurou restaurar sua calma, porém um turbilhão de ideias passou a percorrer sua mente.

Seu modo racional de ver o mundo sempre fora um problema, sempre analisando toda e qualquer possibilidade antes de tomar uma atitude e também constantemente o amedrontando na hora de se impor sobre as pessoas. Seus amigos, pelo menos os poucos que tinha, sempre lhe diziam “você pensa demais”.

Palavras que ecoavam em sua cabeça naquele momento. “Você pensa demais”... “Você pensa demais”... “Você pensa demais”.

“Aja, Tom,” disse a si mesmo. O que ele prontamente fez. Tom inspirou fundo, enchendo seu pulmão de ar, e parou para prestar atenção somente em sua respiração, um velho truque que aprendera ao longo dos anos para se acalmar em situações estressantes.

Apesar de estar mais sereno, Tom estava exausto de tanto combater sua dor e se esforçava para permanecer com as pálpebras abertas. Quando os céus começaram a dar uma trégua e ele estava prestes a desmaiar, ele olhou para o alto e pôde ver claramente o que outrora ficara escondido pelas nuvens da tempestade. Elas não mais camuflavam aquele objeto gigantesco ao lado da lua. Não acreditava em seus próprios olhos, o que via nunca estivera ali e nem deveria estar. Afinal, “Como poderia?” perguntava a si mesmo.

Perplexo pelo que acabara de ver nos céus, Anthony teve seu deslumbramento interrompido pelo som de um portão de madeira sendo aberto e passos largos na sequência, afundando a terra e espalhando água para todos os lados. Quando se virou para ver o que acontecia, mal pôde reagir a uma mão fechada e veloz colidindo contra seu rosto, fazendo com que seu sangue se misturasse à água e lama no chão.

Levantado contra sua vontade pelo que pareciam ser dois homens enormes, ele só conseguiu enxergar o rosto de um terceiro por meros segundos quando um clarão remanescente da tempestade iluminou sua face. A visão gelou seu coração e ele se apavorou com o olhar de ódio e desprezo do sujeito que ordenou de forma autoritária, com voz grossa e altiva:

— Levem-no para dentro. Quero interrogá-lo.

Anthony não estava entendendo nada e temia pela própria vida. Arrastado e sem forças nas pernas para sequer resistir, numa última tentativa de entender o que acontecia ele levantou sua cabeça e tentou pronunciar palavras de socorro, mas nenhum som saiu de sua boca.

Ele somente pôde ver uma construção antiga após o portão de madeira pelo qual acabara de passar. Tom pôde olhar para a porta entreaberta e viu uma luz fraca vinda de

dentro do prédio. Sua última lembrança daquela cena foram os gritos de piedade vindos da estranha edificação. Resistir parecia inútil, então ele se entregou à própria sorte, até que enfim vieram a escuridão total e silêncio absoluto.



Tom levantou-se de sobressalto e se viu rodeado pelos seus lençóis. Algumas centelhas de luz penetravam pela fresta da cortina aberta e o vento a balançava, refrescando o suor que escorria de seu rosto, atijando memórias indesejadas e lembranças de dias melhores. Ainda sonolento, pegou seu celular e desligou o despertador, se levantou da cama e rumou em direção à sua janela. Aquela havia sido outra noite de intermináveis sonhos, o mesmo pesadelo que o atormentava e o perseguia durante seu descanso.

Completamente molhado de suor e com o corpo dolorido, ele abriu mais a janela entreaberta e sentiu a leve brisa da manhã encher seus pulmões com o ar fresco. Ele ficou parado por alguns segundos olhando o nascer do sol ao longe e sentindo o calor juntamente com o aroma da natureza vindo de seu jardim, uma espécie de ritual diário. Tom não se sentia acordado e completamente descansado até sentir a luz solar preenchendo cada centímetro de seu corpo.

A visão de um pequeno pássaro alçando voo da árvore próxima à sua janela lhe trouxe de volta para a realidade. Ainda dolorido e sonolento, ele se dirigiu ao banheiro e ligou o chuveiro. Com muita dificuldade tirou suas roupas, entrou debaixo da água quente e ficou lá parado por um longo tempo apenas com seus pensamentos e ouvindo a água caindo sobre a sua cabeça. A água lembrava-lhe da tempestade em seu sonho e do local estranho, mas o pior era a dor tão real que ele não tinha ideia de onde viera.

O vapor subia e lhe dava a sensação de relaxamento que tanto necessitava. Ao levar suas mãos à cabeça para enxaguar seus cabelos, sentiu uma textura estranha e, quando olhou para sua mão, viu que ela estava coberta com uma fina camada de terra que escorria de seu couro cabeludo. Ficou intrigado, pois não sabia como tinha se sujado daquela forma; a não ser em seu pesadelo.

— Como isso veio parar aqui? — indagou a si mesmo. Ele lavou seu cabelo freneticamente na tentativa de eliminar toda a sujeira e passou alguns minutos a mais com a água quente caindo sobre sua cabeça e escorrendo por seu corpo, limpando-o completamente. Ele tentou se esquecer dos eventos da noite passada, pois havia coisas

mais importantes para serem tratadas naquele dia. Tom desligou a água e foi à pia para escovar os dentes e se aprontar para o longo dia.

Contudo, por mais que tentasse, ele não conseguia tirar da cabeça seu sonho misterioso, que se tornara uma rotina fatigante nos últimos dias. Tudo começou há poucas semanas, sem nenhuma explicação ou motivo aparente. Estes pesadelos — ou sonhos, Tom ainda não sabia muito bem como chamá-los — haviam iniciado logo após a viagem que fez com seus amigos para um acampamento na floresta, uma espécie de despedida antes da faculdade. Eles decidiram lhe fazer uma surpresa e o levaram ao lugar onde seu pai costumava lhe levar.

Acampar era uma tradição de família; sempre que seu pai arranjava um tempo extra, ele o levava com seus irmãos para acampamentos nos mais diversos locais — florestas, cachoeiras, desertos —, sempre com algo novo a ensinar a seus filhos. Um verdadeiro amante da natureza, Walter, seu pai, havia conhecido Catarina em uma viagem a Machu Picchu. Os dois eram mochileiros e estavam na mesma excursão. Um alagamento na estrada fechou as pontes de acesso à cidade e os dois ficaram presos no caminho juntos.

Tom herdara de seu pai o amor pela aventura, um dos motivos por ele querer ir para a universidade, para entender o funcionamento do universo e da natureza. Há muito tempo, porém, seus irmãos pararam de ir a acampamentos com Tom e seu pai. Apesar de Robert ser o mais ligado e dependente do progenitor, considerava acampar uma atividade estúpida; preferia viver na cidade grande, longe do campo e da natureza. Ultimamente, seu irmão mais novo somente possuía tempo para seus jogos online pelo computador e preferia permanecer em casa jogando *Call of Duty*.

Já Amanda entrara na adolescência há alguns anos e vinha se tornando cada vez mais vaidosa e insuportável aos olhos de seu irmão mais velho. O clima do deserto acabaria com sua pele, segundo ela, portanto não iria. Tom sabia que era mentira e era somente uma desculpa para ficar mais tempo com seu novo namorado, porém não se intrometia nesses assuntos. Sinceramente, não se importava muito.

Apesar de ter sido criado nos Estados Unidos, lar de seu pai, o sangue brasileiro de sua mãe também corria em suas veias. Tom já sofreu preconceito na escola, como todo latino ou descendente, mas isso não o chateava; tinha coisas mais importantes com que se preocupar para perder tempo com pessoas que ele desprezava.

Seus pais, Walter Bartholomeu e Catarina Dantas, abriram um restaurante no Brasil logo depois de se conhecerem. Infelizmente, o negócio foi mal e, afundados em

dívidas, se viram obrigados a tentar a vida nos Estados Unidos, onde Tom e seus irmãos nasceram. Por meio de muitas lutas e anos de dificuldades, conseguiram abrir um novo restaurante que os mantinha financeiramente até hoje.

Ao contrário de seus irmãos, Tom se interessava pela cultura brasileira e desde pequeno aprendeu a falar português perfeitamente. Ele já visitara o país e em praticamente todo o verão quando podia, após semanas de trabalho para juntar dinheiro, ia ao Brasil passar as férias nas praias do nordeste brasileiro, de onde sua mãe viera e seus avós moravam.

Sua família de classe média não vivia com luxos, porém dignamente; seu pai se esforçava como chef no restaurante e sua mãe administrava as contas. Ela era formada em administração de empresas em seu país, mas abandonara tudo para viver sua vida com Walter e construir uma família juntos. Seus dois irmãos sempre lhe deram trabalho, já que Robert e Amanda tinham personalidades difíceis. Como Tom era o mais velho, ele teve de carregar o fardo da responsabilidade desde cedo, ajudando sua mãe na criação de seu irmão mais novo, o rebelde inveterado, e de sua irmã caçula, mimada e queridinha do papai, como sempre lembrava Robert sarcasticamente.

Eles viviam em Santa Barbara, na Califórnia, uma cidade agradável para se morar, à beira do mar, cheia de belezas naturais, porém que já não mais conseguia segurar Tom e seu desejo de viajar. Para ele o planeta era pequeno, Tom sempre ansiou por mais; não queria só o mundo, ele sempre desejou conhecer além, que também nunca seria o bastante. Uma família comum, como costumava pensar Tom, tão ordinária que beirava ao clichê social. Com pavor da normalidade, tudo que era trivial lhe causava asco, por isso adorava coisas exóticas, diferentes e novas.

Pensamentos atrasados e mentes fechadas o repeliam de imediato, prejulgamentos sobre as pessoas também. Por ser parte latino e se considerar um deslocado, um estranho onde morava, Tom sabia muito bem o que era preconceito e o que era sofrer por causa de opiniões pessoais formadas antes de conhecer as pessoas, o que otornava uma pessoa agradável e fácil de fazer amizades, principalmente com pessoas deslocadas ou diferentes como ele.

Terminando de se enxugar e começando a se vestir para o café da manhã, ainda agitado por conta da sua noite perturbada, Tom recordava-se claramente da experiência peculiar que tivera no acampamento. Uma imensa bola de fogo cruzando os céus bem acima de si e seus amigos e atingindo o solo a alguns metros de onde eles estavam acampados. Todas as noites desde então, não conseguia pregar os olhos sem ser

transportado em sonhos para o mesmo local onde sentia dores muito fortes e aterrorizantemente reais, um local desconhecido, cujo mistério lhe intrigava ainda mais.

Capítulo 2 – Prelúdio

Tom sentiu o aroma maravilhoso de café sendo preparado pelo pai ao descer as escadas de sua casa. Ele sempre descia a passos rápidos, pois gostava de ouvir o ranger da madeira enquanto pisava rapidamente no soalho. Todas as manhãs, inclusive aos domingos, não havia nada melhor do que despertar para poder sentir o delicioso cheiro de café no ar e descer para ser envolto pelo aroma acolhedor e caloroso de comida caseira logo pela manhã.

— Bom dia! — Tom sorriu para seu pai enquanto beijava sua mãe e abraçava sua irmã mais nova. Ele podia sentir o doce perfume de Amanda, uma essência floral que o lembrava de Júlia. Procurou por seu irmão, mas ao ver a cadeira vazia imaginou que ele estivesse dormindo, como de costume. Ao contrário dele, Robert odiava acordar cedo e ainda mais quem quer que tentasse acordá-lo.

— Bom dia, filho! Você chegou tarde ontem à noite? — perguntou seu pai ao colocar panquecas em seu prato e servir-lhe um copo de café com leite. Tom sentou-se em sua cadeira, que dava de frente para a porta dos fundos. Dali ele podia ver a imensa árvore onde passara a maior parte da sua infância e que hoje era uma mera lembrança de tempos de inocência. Tom gostava de se sentar sempre no mesmo lugar à mesa e ser banhado por algumas centelhas de luz do sol que eram parcialmente tampadas pela imensa copa da árvore.

— Não, eu cheguei mais cedo do que de costume, pai. Só não quis incomodar ninguém e fui direto para o meu quarto — respondeu Tom enquanto bebia seu café quente com um pouco de leite. Ele preferia beber o leite com achocolatado e cereais, mas o café que seu pai preparava em casa era excelente e impossível de ser recusado.

— Como está a Júlia? — perguntou sua mãe, tentando encobrir a pergunta que realmente queria fazer sobre ele e a amiga enquanto bebia seu café. Tom odiava perguntas indiretas; se alguém tinha algo para lhe falar, que dissesse logo na cara, sem rodeios ou floreios. Ela percebeu o desconforto do rapaz; ele nunca conseguiu esconder suas expressões faciais de ninguém, era como um livro aberto. Sempre que algo lhe chateava ou ele não gostava de alguém, isso transparecia em seu rosto, que logo se fechava e ficava com uma cara azeda.

— Ela está ótima, inclusive te mandou abraços e disse que passaria aqui hoje para te devolver os materiais de jardinagem que ela pegou emprestado. — Incomodado

com o assunto Tom buscou mudá-lo logo em seguida, não queria discutir aquilo logo de manhã: — Hoje tenho de ir ao banco para verificar o financiamento da Universidade. Você pode me dar uma carona pai? — lembrou-se Tom ao servir-se de torradas e geleia de morango, cheio de esperança com a possibilidade de finalmente poder sair de casa.

Ele adorava misturar os sabores do sal das torradas com o doce da geleia, o sabor ambíguo lhe agradava muito e era uma constante lembrança que as melhores coisas da vida eram equilibradas, nada muito doce nem muito salgado.

— Sim, claro — respondeu Walter, parando por um momento para analisar o rosto do filho e notando que algo estava errado. Seu pai sempre sabia quando algo incomodava seus filhos. Tom não poderia imaginar um pai melhor; ele sempre sabia o que dizer, quando falar e até mesmo quando deixar quieto, pois conhecia seus filhos tão profundamente a ponto de deixá-los resolver o que eles eram capazes de fazer por conta própria. — Por que você está com essa cara? Parece que ficou acordado a noite toda. Ouvimos um barulho e pensamos que você tivesse caído da cama. Está tudo bem?

— Estou bem, eu tropecei na estante. Eu só dormi um pouco mal esta noite, nada de mais, estava muito quente — retorquiu Tom, que decidiu dar o assunto por encerrado e comer seu café da manhã calado. Ele não queria preocupar os pais e no momento tinha coisas mais importantes e reais com que se preocupar, a exemplo de sua faculdade e o financiamento que estava em andamento no banco.

O preço para se manter na faculdade era muito alto para seus pais pagarem, a única solução que eles encontraram foi conseguir um empréstimo pelo banco, ideia que não agradara nada a Tom. O fato de dar como garantia sua casa ao banco lhe preocupava bastante; algo bem comum em operações financeiras, contudo muito arriscado. O gerente havia lhe dado todas as informações e falou quais documentos ainda eram necessários. Tudo o que faltava era a assinatura de mais alguns papéis e o financiamento estudantil seria liberado.

Mergulhado em seus pensamentos, Tom mal tocou em sua comida e só acordou de seu devaneio quando sua mãe lhe chamou a atenção para o horário. Ele estava atrasado, precisava ir correndo para a escola pegar alguns papéis e, logo após, passar no banco para rever o processo de financiamento de sua faculdade. Ele planejava passar na casa de Júlia depois de ir ao banco, então se apressou e saiu em disparada pela porta juntamente com seu pai, calmo e sereno como sempre.

Seu curso já havia sido escolhido: astrofísica na Universidade da Califórnia em Berkeley, um lugar relativamente perto de casa. Entender o universo, o sol, as estrelas,

isso sim era importante para ele. Nunca fora muito religioso, porém a inquietação da dúvida sempre lhe impedira de ser descrente; havia de ter alguma explicação para aquilo tudo, algo além da compreensão e que fugisse da limitação da mente humana. Tom via o universo como uma divindade a ser explorada, conhecida, desvendada, um segredo tão tentador que era impossível não o desafiar. Seu maior ídolo, Carl Sagan, servia de inspiração, um homem muito inteligente que, ao invés de reter o conhecimento para si, decidiu partilhá-lo com o mundo.

Tom sempre tivera essa mesma intenção, ser uma centelha de esperança para a cegueira que cobria a todos com o véu da ignorância. O conhecimento era algo a ser compartilhado, e não para humilhar as pessoas que tiveram menos oportunidades que ele. E Sagan conseguiu fazer isso: dividir as belezas assombrosas do universo com diversas pessoas que não possuíam nenhum conhecimento de física ou matemática. O estudo era só um meio para o fim e, como toda pessoa, Tom sabia o quão tedioso era estudar matemática e fazer cálculos; aquilo não lhe trazia nenhum prazer, mas eram necessários para o seu entendimento.

Ele sempre fora solitário e sofreu muito na escola por isso. Por ter estatura alta, os garotos não mexiam muito com ele, mas seu tipo físico não impunha medo em uma mosca. Embora não se considerasse um nerd, os outros o rotulavam como tal. Ele tinha paixão por ciência e por filmes e seriados, mas fora isso era como todo garoto de sua idade; ele queria sair, se divertir e namorar, embora não tivesse tanta sorte com garotas devido à sua natureza tímida.

Com o hobby de consertar coisas em casa desde pequeno, Tom já havia construído milhares de pequenos robôs para competições na escola, ocasiões que inclusive lhe renderam seu melhor amigo Leo. Ele se lembrava perfeitamente do dia em que o conheceu, como se fosse ontem. Foi em um sábado ensolarado e todos os garotos e garotas que se interessavam por robótica estavam na competição anual de robôs de luta. Seu pai, que sempre o encorajou a seguir o caminho da ciência, o levou pessoalmente em sua primeira vez.

Tom, com apenas 14 anos, fizera uma máquina resistente e forte, algo bem avançado para alguém de sua idade. Enquanto ele seguia em direção às mesas de inscrições e seu pai pegava algumas peças no carro, Tom avistou uma movimentação de pessoas que lhe chamou a atenção num canto mais afastado do local do evento e sem adultos. Ele demorou a entender, mas logo viu o que acontecia. Aparentemente cinco jovens mais velhos estavam gritando e batendo em alguém no meio da roda, um jovem

de aparência asiática que tentava se defender inutilmente contra o ataque covarde dos valentões.

Aquilo encheu Tom de fúria e coragem. Apesar de ser menor e certamente menos forte, a consciência de que talvez levasse uma surra também não o impedira de ir em direção ao bando para tentar apartar aquela covardia. Ao chegar gritando e com um pedaço de pau na mão que achara no chão, Tom colocou o jovem asiático já com o nariz ensanguentado atrás de si e se postou entre ele e o bando.

— Covardes! Vocês deviam achar alguém da sua altura — esbravejou Tom, empunhando o pedaço de madeira e apontando em direção ao grupo na esperança de afugentar os garotos.

— Não se meta no que não é da sua conta, pirralho — disse o mais alto e maior de todos. Tom já havia visto aquele garoto na escola há alguns dias e agora se lembrava de suas feições. Um menino enorme, que excedia o tamanho dos garotos de sua idade, forte o bastante para bater em Tom sozinho, sem a ajuda de seus amigos.

— Eu não quero confusão, mas isso é covardia! Cinco contra um! Quero ver como vocês se saem com alguém da sua altura. Vão embora agora e eu deixo vocês em paz — retrucou, tentando passar confiança. Apesar de ter uma atitude corajosa sempre que necessário, ele se considerava um covarde que não dava conta nem de ajudar as pessoas quando elas precisavam. Ainda assim, permaneceu no local, fixo como uma rocha entre o pequeno garoto amedrontado e os cinco gigantes valentes.

— Confusão? Você é que devia voltar para o México, latino maldito — disse novamente o líder do grupo, incitando fúria no coração de Tom. O ódio e preconceito contidos naquela frase deixaram-no furioso; suas pupilas dilataram e sua respiração começou a ficar ofegante, algo que sempre ocorria quando ele tinha ataques de raiva.

— Eu nasci aqui como todos vocês. E eu sou do Brasil, existe uma grande diferença, algo que um retardado como você não saberia, não é? — retrucou, com a certeza de que havia irritado o menino, que fechou a cara enquanto seus outros amigos riam dele.

Antes que Tom pudesse esboçar alguma reação, o garoto — inflamado de ódio pelo último comentário dele — lhe acertou um murro no estômago e todos juntos começaram a desferir golpes, não sem que antes Tom pudesse acertar o pedaço de madeira na perna de um dos garotos enquanto mal conseguia permanecer em pé. Ele conseguiu arrancar pelo menos um pouco de sangue de um deles, porém não fora o bastante para fazê-los recuarem. O jovem que antes apanhava tentou ajudá-lo, mas acabou levando um

murro em vez disso. Por sorte seu pai apareceu e, como grande salvador e herói da vida de Tom, apartou a briga e o levou para casa junto com Leo, um amigo que ele ganhara para o resto da vida, a duras penas, mas que valera a pena.

De volta ao seu presente, o dia foi intenso e cansativo. Após horas na fila para ser recebido e atendido por um gerente mal-educado, Tom conseguiu finalizar o processo de seu empréstimo estudantil. Ele pegou os papéis restantes para seus pais assinarem e estava a poucos passos de poder iniciar uma nova fase em sua vida. Limpou sua mente para ligar para seu pai enquanto se encaminhava para a saída do banco. Ele pediu para que Walter o deixasse na casa de Júlia, um dos poucos lugares onde ainda se sentia seguro em tempos conturbados. No caminho falou pouco com seu pai e se limitou a olhar as casas, os carros passando pela estrada e o verde dos bosques e jardins refletidos nos vidros do carro e o sol que ainda iluminava o dia.

Chegando à casa de sua amiga, como de costume entrou pela porta dos fundos, onde ficava o jardim, um de seus locais favoritos. Tom sempre ficara admirado com a delicadeza e cuidado que Júlia dedicava a suas plantas. Uma terapia, segundo a garota, um mundo só dela, cheio de vida e paz. Ela estava sentada na terra, olhando o broto de pinho que os dois plantaram ali há alguns anos, a árvore predileta dela.

Tom se recordava de como conhecera Júlia, sua melhor amiga. Eles haviam se visto pela primeira vez na escola local. Ela acabara de se mudar para a cidade, era uma total estranha ao lugar e não conhecia ninguém e, por acaso, foi colocada na sala de Tom. Júlia era magra e alta, porém mais baixa que Tom alguns centímetros, de cabelos pretos e longos, volumosos e ondulados que o lembravam do céu estrelado à noite, segunda maior paixão de Tom.

Júlia tinha uma tatuagem de um beija-flor bem no pescoço e outra com uma frase no tornozelo. Seus olhos âmbar pareciam ser feitos de chamas envoltas pelo negro de sua maquiagem e o hipnotizaram no momento em que seus olhares se cruzaram. Sua camiseta com o nome da banda Black Sabbath indicava seu gosto musical bem alternativo e parecido com o dele. Por possuir um visual distinto, as pessoas a evitavam e eram inclusive más ao inventar boatos e fofocas.

Como Tom sempre odiava visões preconceituosas e as suposições estúpidas que as pessoas faziam, logo fez amizade com ela, que estranhou o fato de alguém tão normal para os padrões da sociedade ser tão legal com ela. Na sua primeira conversa, os dois já notaram que tinham muitas coisas em comum; Júlia também adorava astronomia e inclusive quis ir a uma das excursões de Tom e seu pai para observar as estrelas. Aquele

encontro se mostrou ser o início de uma bela amizade, mas ele sabia no fundo que sentira algo mais ao conhecê-la; ela despertou nele algo que ninguém nunca despertara antes, um sentimento que infelizmente não poderia ser correspondido, mas ele estava feliz por ter alguém tão incrível quanto ela como amiga.

Distraída, ela nem percebera sua chegada e nem o fato de ele ficar lá sentado ao lado dela por alguns minutos, só a observando e pensando em como a vida seria diferente se os dois pudessem ficar juntos. Tom se interrompeu antes que seus pensamentos fossem para caminhos tortuosos de tristeza e solidão, apesar de estar acompanhado da única pessoa que realmente fazia algum sentido para ele.

— Há quanto tempo você está aqui? — ela falou com a voz calma e doce ao virar-se para ele, como se tivesse acabado de acordar de um sonho acordada.

— O bastante — respondeu Tom, com um sorriso que ia até a nuca e só era visto quando ele estava perto dela.

— Você conseguiu? — perguntou Júlia, com as bochechas rosadas, embora seu tom de pele sempre fosse um pouco pálido graças à maquiagem e estilo gótico que encantara Tom desde a primeira vez que a viu.

— Sim, consegui. Só falta assinar alguns papéis — Tom respondeu, engolindo a própria saliva de maneira amarga, sentindo-se estranho por não estar feliz por ter conseguido realizar seu grande sonho. Olhou para o céu ainda azul com uma pitada de alaranjado, indicando que o pôr do sol se aproximava, numa tentativa de conter suas lágrimas. Desta vez ele conseguira, não gostava de chorar na frente dos outros.

— Parabéns, eu sabia que você conseguiria — falou Júlia, abraçando-o da forma mais fraterna e calma. Seu abraço era como um refúgio para Tom. Aquele momento que os dois ocupavam um só espaço no tempo, com os olhos fechados, um sentindo o calor do corpo do outro... um momento que era somente deles. Tom desejava profundamente que aquele abraço congelasse no tempo e os dois ficassem juntos para sempre, mas sabia que aquilo não seria possível. A realidade bateria à sua porta e ele teria que deixá-la ir e ser livre como ela sempre foi.

— Atrapalho o casal de apaixonados? — a voz de Leo com aquele sotaque japonês singular ecoou nos ouvidos de Tom, que sorriu para o garoto de forma a demonstrar descontentamento como comentário.

— Advinha! Nosso amigo aqui vai para a faculdade — disse ela, olhando torto para Leo.

— O que estamos esperando? Vamos fazer uma festa!! — exclamou Natasha, entrando no jardim e sentando ao lado de Tom, se espalhando na grama com seu jeito desleixado. Natasha era a mais divertida do grupo de amigos e também a mais irresponsável com seu jeito de quem não está nem aí para regras. De cabelos loiros, ondulados e curtos, sua presença preenchia qualquer lugar. E sua falta de maneiras sempre chamava a atenção, mas Tom não se importava; apesar do seu jeito, era sincera e sempre ela mesma, o que ele admirava nela: a capacidade de não se importar com o que os outros pensam sobre ela. Sua originalidade e sinceridade eram sua essência e ele gostava bastante disso.

Juntos eles foram ao porto para comer algo; geralmente pediam cachorro-quente ou batatinhas fritas e refrigerante, quase que uma tradição entre os quatro amigos. Eles compravam algo para comer e iam para debaixo do antigo cais para observar o sol se pondo no Pacífico enquanto os barcos desapareciam no horizonte alaranjado e vermelho, uma mistura de tons que embelezava os céus e encantava os olhos de quem passava.

Júlia não sabia, mas Tom via em seus olhos o pôr do sol; as cores parecidas sempre o faziam lembrar-se dela. Como se aquele evento astronômico fosse uma lembrança eterna da existência da garota em sua vida. Se pudesse, pararia o tempo naquele exato momento para viver num eterno pôr do sol. Desta maneira, sempre que olhasse para o céu veria seu olhar por entre a pintura da natureza.

Tom baixou os olhos para o próprio peito e sentiu o colar que ela fizera. Pegou-o e ficou observando o sol refletindo pela rocha de que era feito. Todos ali tinham colares similares, mas só o de Tom era negro como o espaço e no meio tinha uma espécie de coloração vermelho-alaranjada.

— Por que só o colar do Tom que é legal desse jeito? — questionou Natasha, tomando o colar da mão dele para observar e fitando Júlia de maneira debochada.

— Cada um ficou com uma parte especial, Natasha. O seu também é lindo — retorquiu, pegando o colar e colocando de volta no pescoço do seu dono.

— Ainda não consigo acreditar que temos um colar feito de algo que caiu do espaço — retorquiu Leo de maneira animada, observando maravilhado a pedra em seu pescoço.

— Você realmente fez um ótimo trabalho, Júlia, todos os colares são lindos — Tom elogiou sua amiga enquanto olhava para cada um, cada qual com sua rocha peculiar. Nenhuma pessoa na Terra teria algo igual e saber que aqueles objetos eram únicos só os tornavam mais especiais ainda. Extraídos de uma rocha que caiu do céu no seu último

acampamento, Leo teve medo que pudesse ser radioativo ou algo assim, mas Tom, que duvidava muito, tentou acalmá-lo; ele levou a rocha para a escola e utilizou um contador Geiger antigo do laboratório.

— Ainda me lembro da noite que achamos como se fosse ontem — disse Júlia, olhando para o horizonte enquanto o último brilho fugaz do sol se punha no oceano.

— Acho que nunca bebi tanto em toda minha vida — afirmou Natasha, rindo. Sua risada foi contagiosa como sempre.

Tom lembrava-se perfeitamente da noite em que acamparam perto da Floresta Nacional. Eles haviam se divertido bastante aquele dia, tanto quanto no tempo em que eram crianças e não havia preocupações ou responsabilidades. As lembranças do acampamento traziam consigo certo sentimento de nostalgia que envolvia a todos. Enquanto a água do mar avançava e começava a atingir seus pés descalços na areia, Tom se recordava da sua última aventura.



— Vamos Tom! Acorda! — Tom despertou de repente com a voz de Natasha à sua janela, gritando e buzinando às seis horas da manhã. Ainda com sono e com os olhos fechados, esforçou-se profundamente para se levantar. Se ele continuasse mais na cama, ela acordaria a vizinhança inteira com seu estardalhaço. Nessas horas Tom se perguntava como se tornou amigo de uma pessoa tão diferente de si. Ele era reservado e tímido, já sua amiga conseguia sugar todo o ar de uma sala ao entrar. Aonde ela ia, as atenções recaíam sobre ela, não só pela beleza, mas também pelo modo de ser, pela autenticidade e extravagância.

Tom levantou-se a contragosto e foi à janela sinalizar para eles entrarem. O sol nem havia saído ainda e o céu tinha a coloração azul-pálida do amanhecer. Provavelmente seu pai já estava de pé fazendo o café da manhã reforçado para aquele dia. Seus amigos entraram fazendo tanto barulho que já deviam ter acordado a casa inteira. Tom correu para o banheiro para tomar seu banho. Ele ligou o chuveiro e ouviu o som da água caindo sobre seu corpo, produzindo um efeito relaxante e ao mesmo tempo revigorante.

O dia seria longo e não seria fácil para Tom lidar com seus amigos nada acostumados a acampar. Ele e Júlia estavam habituados à natureza, mas Leo e Natasha nunca pisaram em uma floresta em suas vidas. Tom já imaginava Leo sofrendo com as picadas dos mosquitos e reclamando do calor e tudo mais naquela viagem. Já Natasha,

que conseguia dormir até mesmo em uma festa ao lado das caixas de som, não deveria ter grandes dificuldades. Seu maior medo era a loucura da amiga e sua irresponsabilidade, que já havia lhes metido em diversas situações constrangedoras.

Após o banho, ele vestiu suas roupas de acordo com a ocasião. Tom era acostumado com o campo e os mosquitos não lhe faziam mais efeito, então ele colocou algo leve, mas que o protegeria do sol e do frio à noite. Eles tiveram um café da manhã mais do que reforçado, regado a gritaria e altas risadas; depois, quando já estava tarde, todos foram para o jipe de Natasha. Ela o pegara emprestado de seu pai — pelo menos era o que ela dissera. Tom ria com a ideia de saber que talvez ele nem soubesse e Natasha não se importasse nem um pouco com isso.

Eles haviam programado este passeio há tempos e sempre protelavam, mas agora, com o anúncio da mudança de Tom para outra cidade para fazer faculdade, todos se animaram. Talvez fosse a última viagem que fariam juntos e a realidade da separação se aproximava. Todos sentiam aquela nostalgia e a iminente saudade chegando. Então, após horas a mais do que o planejado, Tom assumiu o volante e pegou a estrada para o acampamento.

Enquanto dirigia pela estrada, ele sentia a brisa do vento entrando por entre as janelas do carro e aquela sensação de paz que vinha da natureza. Distraído com a estrada e com seus problemas que o seguiam até ali, mal pode notar quando Natasha tirou algo do fundo de suas coisas.

— Hoje iremos te embriagar, senhor Bartholomeu — disse a amiga enquanto segurava e balançava uma garrafa de uísque que aparentemente pegou do estoque de seu pai. O brilho em seus olhos e seu sorriso fizeram com que Tom risse por dentro; ele estava feliz por estar perto de seus amigos.

— E depois quem vai proteger vocês dos monstros que habitam a floresta? — respondeu, se esquivando e tentando ser engraçado. Natasha fez sinal de desdém à sua piada e continuou:

— Se tiver monstros, pelo menos vai ter algo interessante para vermos. Muito mais interessante do que as chuvinhas de meteoros que você e a Júlia assistem — disse, demonstrando o quanto não gostava de acampar e esnobando a atividade que Tom tanto apreciava.

— Muito engraçado. Quem sabe alguma pedra não cai nessa sua cabeça e te deixa menos abusada — retrucou Tom. — Vocês que quiseram vir e tiveram essa ideia.

Não sei por que você está reclamando, Natasha — completou, deixando-a zangada, mas aquilo não duraria.

Ela fez sinal de desagrado e mudou sua expressão facial. Todos já conheciam aquela cara. Ela não gostava de ser contrariada e seu rosto, assim como o de Tom, sempre a delatava. Era uma das poucas semelhanças que possuíam: não conseguiam fingir o que estavam sentindo, suas faces sempre entregavam suas almas.

Após meia hora de viagem, Tom avistou a placa da entrada para áreas de camping. Geralmente sempre tinha uma ou duas pessoas lá com seus carros de passeio estacionados ou seguindo a trilha para turistas. Contudo, não havia ninguém desta vez, pois era baixa temporada e o local estava praticamente deserto.

“Pelo menos um pouco de paz” imaginou Tom, que não gostava de lugares cheios de gente, um dos motivos de ele apreciar a natureza. Para ele, a solidão era a melhor companhia em tempos conturbados como o que ele vivia. Apesar de estar ansioso para mudar e iniciar uma nova fase de sua vida, a perspectiva de se afastar das pessoas que ele mais gostava e que lhe inspiravam causava certo remorso.

— Vamos lá, gente, quero ver todos montando suas barracas para podermos acender a fogueira — disse Tom, com uma voz de comando, enquanto descarregava o jipe e indicava o caminho para seus amigos seguirem. Apesar de não concordar com a ideia, todos sabiam que Tom era a voz naquele grupo. O amigo que reunia a todos, o único capaz de convencer os três a fazer uma viagem dessas, principalmente Leo, tão introvertido e singular — ele, Leo, era tão caricato aos olhos de todos, muito tímido e inteligente, mais do que Tom e do que qualquer um, mas era também um amigo leal. Tom sabia que podia contar com ele para qualquer coisa.

Leo olhou para ele espantado, indicando claramente que não era capaz de montar uma barraca na mata. Depois de algumas horas de tentativas frustradas, aquilo deixou de ser divertido para Tom, que acabou ajudando a todos a montarem as suas, exceto por Júlia que havia conseguido facilmente. Natasha não teve paciência para esperar e saiu para fumar embaixo de uma árvore a uma distância razoável. Vendo que todos terminaram, ela resolveu voltar para perto do grupo.

— Chega de trabalho, eu vim aqui para me divertir — falou Natasha, retirando uma lata de cerveja de sua caixa térmica e ligando uma música tão alta que espantou todos os animais por perto. — Vamos fazer uma fogueira? Eu trouxe marshmallows! — anunciou enquanto procurava dentro de sua mochila o pacote enorme de guloseimas.

A noite se aproximava e tudo já estava pronto, logo Tom e Júlia saíram para buscar lenha para montar uma fogueira. O bosque era seguro, com um entreposto da Guarda Florestal a alguns quilômetros dali e geralmente sempre havia mais de um grupo acampando. A única coisa a se preocupar eram animais selvagens.

Tom sabia muito bem lidar com isso e aprendeu da pior forma. Uma vez, quando foi acampar com o pai, um lince entrou em sua cabana para buscar alimentos. Eles ficaram em cima de uma árvore por horas até que a patrulha florestal chegasse. No momento foi aterrorizador, mas depois aquilo tudo havia se tornado uma história engraçada.

Uma vez acendida a fogueira, todos se reuniram em volta e começaram a colocar os marshmallows no fogo. Leo trouxera salsichas para cachorro-quente, mas por algum motivo inexplicável havia se esquecido do pão. Então resolveu colocar a salsicha no espeto ali mesmo. Todos riram disso e começaram a se lembrar de quando ainda eram crianças e saíam juntos, normalmente com o pai de Tom, que os levava a parques de diversão e praças. Ele era o melhor pai de todos na visão do rapaz.

Enquanto ao fundo podia-se ouvir música trazida por Leo e Natasha dançava no embalo da noite, Tom olhava os céus. A noite estava maravilhosa, não havia sequer uma nuvem nos céus e podia-se ver perfeitamente as estrelas. Eles ficaram num local muito bom, em uma clareira perto da estrada de acesso à floresta. O chão era um pouco pedregoso, mas bem limpo, cercado por árvores e que passava pela trilha para subir a colina.

O terreno era cheio de relevos, próximo ao mar e perto de penhascos onde alguns mais ousados se arriscavam pulando na água. Aquele era um momento feliz na vida de Tom e ele desejava apreciar o máximo possível. Enquanto ele comia e observava Natasha animada, Leo e Júlia se aproximavam da fogueira para se aquecer. Natasha se lembrou de quando conheceu os rapazes. Ela estava com Júlia na escola e por algum mal-entendido ficou irada com Leo no primeiro dia e lhe deu um murro no estômago.

— Seu estômago ainda dói, Leo? — perguntou, rindo mais alto do que todos ali.

— Não, mas doeu naquele dia. Não entendo até hoje porque você me bateu — respondeu e todos gargalharam em uníssono, enquanto Tom apreciava o momento com seus amigos, olhando suas faces para memorizar o momento e nunca se esquecer das pequenas coisas.

— Eu lembro que tinha acabado de te conhecer, Natasha, e estava te mostrando a escola. O Leo caiu sem querer sobre você e antes de eu poder apresentá-los você lhe deu um murro e gritou com ele. Todos da escola pararam para ver o que estava

acontecendo — respondeu Júlia. Tom se lembrava claramente do acontecido, já que estava com Leo naquele dia, e também não havia entendido nada. De toda forma, os quatro acabaram se tornando amigos inseparáveis.

— Lembra-se da primeira detenção do Tom? Da cara que ele fez quando foi pego? Impagável — perguntou Natasha à Júlia, enquanto gargalhava e bebia sua cerveja. Tom não quis se lembrar daquela besteira, mas foi inevitável. Nunca fora repreendido por professor nenhum, ele ainda chegou em casa e teve que ouvir sermão dos pais, logo o que ele mais odiava.

— Eu lembro muito bem — começou a contar Tom. Hoje ele ria disso como todo mundo, apesar de à época ter odiado, hoje dava altas gargalhadas com o motivo pelo qual foi pego. — Por sua causa, Natasha, para te livrar de uma enrascada... — ele tentou continuar, mas ela o pausou por um momento e fez uma cara de espanto.

— Tom — ela o interrompeu, apreensiva. Ele pensou que ela não quisesse admitir até hoje que ele havia a livrado de uma suspensão quando eles eram crianças.

— O quê? Não quer admitir? — perguntou, esperando desculpas esfarrapadas. Ao invés disso Natasha correu em sua direção. Tom reparou na expressão semelhante no rosto dos outros e não entendia o que estava havendo. Ela chegou e o virou bruscamente para o outro lado para ver o que estava acontecendo. Quando Tom percebeu, já era tarde demais, todos se jogaram no chão esperando o pior.

Foi por poucos segundos, mas eles conseguiram se abaixar a tempo. Refletidos em seus olhos, Tom viu a imagem de uma estrondosa bola de fogo rumando em sua direção, caindo dos céus em trajetória de colisão com o solo. Logo após se jogarem ao chão, tudo aconteceu de forma rápida, eles puderam ouvir o estouro a alguns metros dali e a onda de calor vindo em sua direção.

A onda foi tão forte que apagou a fogueira e eles puderam sentir sua energia se dissipando através dos seus corpos. Se o vento tivesse sido um pouco mais forte, teria derrubado as barracas precariamente montadas. Havia caído algo, talvez um satélite ou um avião. Eles só conseguiam entender que algo passou por eles e deixou um rastro de árvores caídas e terra removida no caminho.

Tom, preocupado com seus amigos, sentiu-se aliviado ao ver todos de pé e seguros. Seus ouvidos ficaram estranhos após o impacto; ele sentiu como se o barulho da explosão tivesse lhe deixado surdo, pois estava sentindo os mesmos efeitos que sentia quando entrava em um avião. Ele fechou os olhos, tampou o nariz para o ar sair e pôde

voltar a ouvir normalmente. Após todos terem se erguido e visto que ninguém havia se machucado, Natasha deu uma de suas ideias mirabolantes, desta vez a maior de todas:

— Temos de ir ver isso — sugeriu. — Foi irado! — Já se pondo a caminho do ponto de impacto, deixando Tom indeciso quanto a segui-la ou não. Por mais curioso que estivesse, ele temia pela segurança dos seus amigos e pensava nas consequências de se chegar perto de uma cratera aberta por algo que eles nem sabiam o que era.

— Você ficou louca? — questionou Leo, apreensivo, externando os pensamentos de Tom. — Pode ser perigoso, nem sabemos o que caiu. Temos que ligar para a emergência ou para a Guarda Florestal — sugeriu o jovem, enquanto checava a si mesmo à procura de machucados.

— Viver é perigoso, Leo, vamos lá — disse ela, acenando com a mão para que eles a seguissem e abrindo caminho por entre a mata.

— Cuidado onde pisam e não toquem em nada. Só iremos observar de longe — advertiu Tom, que pôs-se à frente ao ver que não poderia dissuadi-la do contrário.

— O que será que foi aquilo? Foi a coisa mais louca que já vi na vida — perguntou Natasha, rindo e aparentemente animada com toda aquela situação. Eles quase morreram e sua maior preocupação era se divertir com aquilo tudo.

Júlia olhou para ela da mesma forma que Anthony. Eles geralmente partilhavam da mesma perspectiva sobre tudo e tinham esta conexão mental que tornava desnecessário expressar seus pensamentos em palavras.

— Por que você está rindo? — Leo indagou, encarando Natasha enquanto ela caminhava rapidamente em direção à zona de impacto.

— Talvez sejam aliens. Você está preparado para um contato imediato? — exclamou ela de maneira irônica. Tom se impressionava com o fato de que sua amiga não conseguia levar nada a sério na vida e não sabia se a invejava ou tinha medo. — Ouvi dizer que eles gostam de sondas — brincou e todos riram com ela.

— Provavelmente é só um satélite que caiu ou um balão meteorológico — falou Tom para acalmá-los enquanto eles se aproximavam com cuidado da cratera ainda em chamas. Ele não estava tão certo disso; apesar de ver muito rapidamente, reparou que o que cruzou os céus deixou um rastro de poeira que agora caía sobre o caminho. O mais provável é que seria um pequeno meteorito, pensava ele, enquanto se sentia um pouco estranho e se perguntava se somente ele ouvia um zunido abafado.

— Cuidado — gritou ele ao ver Natasha indo em direção à terra removida. — Você pode se machucar — alertou, ainda impressionado com a irresponsabilidade da amiga. Ela fez uma careta, mas desta vez o ouviu e permaneceu perto do grupo.

Os quatro seguiram cautelosamente até a borda da cratera, onde havia uma espécie de morro de terra deslocada com o impacto do objeto. Algumas partes ainda estavam em chamas, mas a maior parte do fogo já se extinguiu. Tudo que podiam ver era uma fina camada de fumaça saindo do chão e a terra exalava um cheiro horrível semelhante a enxofre e formol. Ao olharem mais cautelosamente, puderam ver do que se tratava. No meio do imenso buraco aberto na terra, um pedaço de rocha de coloração negra, com inúmeros pontos brancos que se assemelhavam a calcário. Ele era menor do que se esperava para o tamanho da cratera que abria.

Definitivamente era um meteorito, concluiu Tom consigo mesmo. Natasha não se importou com o aviso dos amigos e entrou na cratera. Para impedi-la de fazer mais besteira os outros acompanharam. Tom já não se impressionava com mais nada que viesse da sua amiga louca, ele só seguiu a atitude dos companheiros e desceu cuidadosamente até perto da rocha estranha.

— Não toque na rocha, você vai queimar sua mão — avisou Tom de maneira séria e altiva.

— Claro que eu não vou tocar. Eu não sou idiota, Tom — riu Natasha. — Mas isso é muito legal, você tem que admitir — insistiu. — Muito melhor do que sua chuva de meteoros que você assiste com aquele brinquedo que chama de telescópio — completou, dando-lhe um tapinha nas costas.

Tom, apesar de preocupado, não pôde esconder sua satisfação. Aquilo realmente era a coisa mais legal que já havia visto. Um pedaço de rocha que viajou milhões de anos-luz pelo espaço, testemunhado planetas, sóis, estrelas, e agora estava diante dele a poucos metros de distância. Pelo que ele podia dizer, aquela era a maior aventura de sua vida, mesmo que para algumas pessoas aquilo não significasse nada.

Ao caminhar em direção ao pedaço de rocha flamejante que se apagou há pouco, Tom reparou que no chão havia pequenos cristais transparentes. Agachou-se e aproximou sua mão para ver se ainda estavam ardentes, se arriscou e viu que não estava tão quente assim. Pareciam diminutos diamantes — não sabia se eram verdadeiros, provavelmente o calor havia cristalizado a rocha e formando pequenos cristais por todo o local.

— Vocês estão ouvindo isso? — perguntou Tom, bastante incomodado com o barulho em sua cabeça.

— Ouvindo o quê? O barulho do fogo? — perguntou Leo, olhando-o com aquela cara de cão medroso que ele tinha.

— Não, deixa pra lá. — Tom pensou que fosse somente um efeito do barulho alto da explosão e resolveu deixar aquele incômodo de lado para ver melhor o local. Ele estava maravilhado com aquele objeto que descera dos céus e sentia-se como se estivesse hipnotizado. Sua paixão por astronomia estava falando mais alto e ele pensava no quão difícil e improvável era para um ser humano ver aquele tipo de evento.

— Temos que sair daqui, em breve chegará a Guarda Florestal — pediu Leo. Ele não tinha a coragem do seu amigo nem a impulsividade de Natasha. Aquilo era perigoso demais para ele. Só ter entrado na cratera já era uma enorme aventura que lhe bastava por toda a semana.

— Calma, Leo, está tudo bem. A rocha já começou a esfriar. — Ao proferir estas palavras, todos se espantaram com a atitude de Tom. Mas isso não ia contra sua personalidade; apesar de responsável e sistemático, Tom adorava um mistério. Ele tinha certeza que mesmo que Natasha não estivesse ali, ele entraria na cratera para descobrir o que era de uma forma ou de outra.

— Finalmente se soltando um pouco, Tom — falou Natasha sarcasticamente ao ver o interesse do amigo pelos cristais no chão que pareciam hipnotizá-lo.

— O Leo está certo, Tom. Vamos embora daqui — Júlia disse e fez sinal para ele que queria ir embora. Como sempre, ele assentiu à sugestão de sua amiga, que possuía uma influência enorme sobre seu comportamento.

— Esperem! — gritou Natasha. — Vamos pelo menos tirar uma foto? — pediu e eles, sem vontade, nenhuma ficaram.

Ela pegou seu celular e chamou-os para perto. Apesar de Tom achar o ato totalmente fútil, não era todo dia que ele podia estar lado a lado um verdadeiro pedaço de história viva do universo. Ao sorrir para foto, fez com que todos se acalmassem e se concentrassem na câmera.

— Você vai estudar isso, Tom. Agora vai poder jogar na cara dos seus professores que já viu um meteoro de perto — afirmou Natasha enquanto já editava a foto no seu aplicativo de imagens.

— Meteorito, ele é pequeno demais para ser um meteoro — Tom retrucou.

Natasha deu de ombros e o insultou:

— Nerd.

Natasha adorava fotografar; havia feito até curso de artes visuais, e talvez por isso nenhum enquadramento fosse bom o bastante para ela. Tom odiava ficar tirando várias fotos para no final só uma realmente ficar boa, mas ficou ali de qualquer forma. Este era um dos últimos momentos com os amigos, ele queria aproveitá-lo ao máximo, e esta era uma experiência e tanto, memorável para o resto de suas vidas.

Mesmo após terminar, Natasha não escondia a excitação. Tom era quem estudava as estrelas, mas era ela quem estava mais empolgada. Após reclamar o tempo inteiro da viagem e do quão entediante deveria ser ficar olhando constelações no céu, ela finalmente parecia estar se divertindo e ele não queria tirar isso dela.

No caminho para fora da cratera, eles observaram vários pedaços da rocha espalhados pelo chão. Aparentemente o meteorito se partiu em pedaços menores e eles já haviam esfriado. Foi quando Natasha teve a ideia de pegar uma das rochas para levar para casa.

— Me empreste sua blusa, Leo — ela ordenou, não pediu. Apesar de soar mal-educada, isso era a intimidade que havia entre os amigos.

— Por quê? — questionou, surpreso com o pedido.

— Apenas me dê logo, seu paspalho — Natasha respondeu rispidamente.

Ele lhe deu sua blusa e, com ela, a garota pegou um pedaço de rocha do tamanho de uma bola de futebol. A pedra era irregular, uma cor prata e fosca como alumínio escurecido e possuía uma pequena parte totalmente preta, como se fosse feita de cinzas ainda com algumas centelhas de brasa no centro. Não estava mais quente, mas ainda exalava um pouco de calor. Ela virou-se animada para Júlia e fez um pedido inusitado:

— Júlia, eu sei que você tem habilidade com artesanato. Você conseguiria fazer algo com essa rocha? Um colar, por exemplo.

Seu pedido foi recebido com espanto por todos, embora eles soubessem que ela não aceitaria “não” como resposta.

— Você quer que eu faça um colar de um meteorito? — questionou Júlia, surpresa com a ideia e olhando para Tom com aquela cara de animação e espanto. Tom conhecia muito bem aquele olhar; ela sempre achara sua amiga louca, mas, mesmo assim, havia algo em Natasha que os fazia se sentirem livres e os libertasse das amarras da vergonha e timidez.

— Sim, pensa no quão louco seria — respondeu, animada. — Nós quatro com os mesmos colares, para nos lembrarmos uns dos outros. Como um presente de despedida para o Tom — ela sugeriu.

Tom gostou da ideia mais do que imaginara que gostaria. Júlia concordou e todos subiram a cratera e correram para o acampamento quando viram que luzes se aproximavam. A Guarda Florestal devia ter visto a queda e finalmente eles viam os faróis no horizonte se aproximando do local da queda. Eles tiveram que pegar suas coisas e levar para longe do local da explosão. Logo ali estaria cheio, então eles desfizeram as barracas e levaram tudo para o jipe apressadamente.

Eles entraram no carro e dirigiram para outro ponto de acampamento a alguns quilômetros do anterior. Eles não conseguiriam dormir à noite, ao invés disso eles ficaram na capota do carro, olhando as estrelas nos céus, se indagando e se perguntando sobre o corpo celeste caído. Eles pararam perto de um penhasco desta vez e podiam ouvir o som das águas do mar lutando contra a rocha, embalando-os no som da madrugada e nos mistérios do oceano celeste acima de suas cabeças.

— Se todos tivermos uma parte do mesmo meteorito, nunca estaremos separados — Natasha disse enquanto eles estavam ali, parados e olhando para o vazio do céu. Ela escondia a falta que sentiria de Tom, mas ela era quem mais precisava dos amigos. Seu modo louco de viver indicava o vazio que ela sentia por não conseguir se encaixar. Todos ali eram iguais, estranhos na escola e sofriam bullying: o nerd asiático, a louca revoltada, a gótica tímida e o descendente de latinos que não gostava da companhia dos outros. Aquele objeto, agora guardado no carro, seria um símbolo de sua amizade, um símbolo dos esquecidos, dos excluídos e fora do padrão.

Capítulo 3 – Cinzas

Tom despertou de seu sonho acordado com o toque gentil de Júlia em sua bochecha. Nem percebeu as horas passando; sempre que estava com seus melhores amigos o tempo voava. Ao pegar seu celular, Tom notou que estava descarregado — sua mãe devia estar preocupada, embora ela já estivesse acostumada com as escapadas diárias dele para ficar com seus amigos.

Eles se levantaram e sacudiram a areia de suas roupas. Tom podia sentir cada grão entre seus dedos, um desconforto prazeroso para ele. Leo pegou o metrô na esquina do centro junto com Natasha e Tom seguiu com Júlia até a casa dela, depois foi embora direto para o seu lar. No caminho não conseguiu se segurar e mergulhou novamente em seu mundo de divagações. Algo lhe preocupava naqueles dias: seus sonhos constantes e o seu significado. Sonhos tão reais, onde ele podia sentir dor e o frio da chuva e do chão onde se sentava, o cheiro da terra molhada, a textura das pedras que davam lugar ao muro enorme existente entre ele e aquele mundo desconhecido.

Mas o que realmente o preocupava era fato de ele estar consciente no sonho, já que nunca tivera sonhos assim, em que estivera ciente de estar sonhando. Aquilo devia ser algo mais — pelo menos era o que ele desejava. Sua vida era tão sem graça e ele sempre se considerou um deslocado no mundo... seria bom viver de verdade, fazer algo emocionante, mesmo que em sonho e que tudo não passasse de uma doce ilusão.

Ao invés de ir para o restaurante da família, pensou em passar em casa antes, pois queria evitar os pais ou quaisquer parabéns de um desconhecido por ele ter conseguido apenas entrar na faculdade, algo que não era tão grande assim para ele. Tom, como toda pessoa introvertida, apreciava o silêncio e uma casa vazia. A solidão era sua musa e melhor companheira.

Para felicidade do rapaz, não havia ninguém em casa — um sentimento pelo qual se arrependia hoje de ter tido. Hoje ele acreditava que deveria ter passado mais tempo com sua família enquanto podia. De qualquer forma, naquele dia todos provavelmente estavam no restaurante ou fora, deixando a casa só para ele, permitindo a ele fazer o que mais gostava: ser livre dentro da própria casa. Após um longo banho, colocou uma roupa confortável e fresca, já que os dias estavam muito quentes naquela época, até mesmo para ele que era acostumado com o calor.

Tom preparou um lanche para si e se trancou em seu quarto, ligou o som para ouvir música em um volume que permitia a leitura. Ele foi à sua estante de livros meticulosamente organizada, sentiu a textura das capas ao deslocar seus dedos por entre aquelas histórias e, ao abrir um deles, inalou aquele cheiro de livro novo que o deliciava. Passou a mão sobre o relevo e sentiu o título tão conhecido, *Uma Breve História do Tempo*, de Stephen Hawking, o físico que acabava de ganhar uma adaptação cinematográfica em sua homenagem e representava a superação de uma pessoa que enfrentara todos os obstáculos e hoje era considerado como uma das maiores mentes e grandes pensadores da humanidade.

Apesar de ler digitalmente em seu tablet ou Kindle, nada lhe agradava mais do que o folhear das páginas, sentir o papel em seus dedos e sentir o cheiro do livro. A despeito de sua animação inicial, a atividade foi ficando cansativa e seus olhos cada vez mais pesados, até que ele foi arrebatado pelo cansaço e caiu no sono, com um livro na mão e a música ao fundo. No momento tocava “Highway to Hell”, do AC/DC, uma das bandas favoritas de Anthony. Não pôde deixar de notar a ironia da música com o fato de estar indo dormir. Provavelmente acordaria em outro mundo, em um local desconhecido cheio de dores e provações.



Anthony despertou com uma jorrada de água fria em seu rosto e alguém puxando seu cabelo, forçando-o a erguer sua cabeça. Ao acordar completamente, pôde ver o que acontecia e ficou perplexo. O cenário de seu sonho mudara e agora ele estava amarrado por correntes a uma parede, com os seus braços estendidos de ponta a ponta e mal conseguia se equilibrar sobre os próprios pés. Seus músculos pareciam estar se rasgando por dentro devido ao modo em que foi colocado e pelas correntes que lhe cortavam os pulsos de tão fortes. Como se isto não fosse o bastante, ainda podia sentir a água fria e suja escorrer por entre seu rosto.

— Quem é você? O que você sabe sobre o ataque à vila? — gritou uma voz desconhecida. Tom mal sabia o que estava acontecendo ou quem gritava em busca de respostas, mas sabia que aquilo não terminaria nada bem para ele. Ao olhar com mais clareza, pôde ver o mesmo rosto que vira na noite anterior, o mesmo homem lhe encarando com um semblante de ódio e uma expressão inquisitiva.

— Qual vila? Do que você está... — Antes que Tom pudesse completar sua pergunta, um tapa arrancou mais sangue de sua boca. O corte em sua gengiva e o gosto férreo o fizeram pensar ter perdido um dente e, à medida que era espancado, sentia a dificuldade de respirar aumentando e seu pulmão se comprimindo.

— Eu é que faço as perguntas por aqui, garoto — disse o homem, desta vez andando em círculos como se estivesse preocupado. — Quem é você? De onde você é? — urrou e deu mais um soco em Tom, que não sabia por que estava ali, o que aquele homem queria saber e nem mesmo de qual vila ele estava falando.

— Espera! — suplicou Tom, desesperado por ajuda e sem fôlego. O homem olhou para ele enquanto andava e seus soldados apenas o observavam. — Eu não sei do que você está falando. Nem sei onde estou. Quem é você? O que você quer saber? — questionou desesperadamente, esperando um pouco de misericórdia.

Em vez disso ele recebeu outro soco, agora no estômago. Aquilo doeu tanto que o sangue foi expelido pela sua boca. Ele teria sorte se não saísse dali com uma hemorragia interna ou com todos os seus ossos partidos ao meio. O homem então o encarou profundamente e ensaiou levantar a mão para acertá-lo mais uma vez, mas só fez menção.

— Vou ditar as regras básicas disso aqui, forasteiro. Você parece não entender direito a situação. Somente eu faço perguntas! — gritou, espalhando sua saliva para todos os lados. Tom sentiu profundo nojo daquilo tudo, mas não podia fazer nada senão obedecer. O homem se aproximou dessa vez com uma faca enorme e bem afiada nas mãos e passou pela face do pobre rapaz que não sabia quanto tempo mais aguentaria aquela experiência horrenda.

— Eu não sei do que você está falando! — retorquiu o rapaz na mesma intensidade, cansado de tudo aquilo. Ele queria entender o que acontecia naquele momento e sabia que era tudo um sonho, mas por que não acordava? Fazia a si mesmo tais questionamentos enquanto tentava permanecer consciente, lutando contra a dor em seu corpo e medo pela sua vida.

— O que você sabe sobre o ataque à vila, forasteiro? — repetiu o torturador, aproximando seu rosto tão perto da face de Tom que ele podia sentir seu hálito horrível com cheiro de álcool. Ele não sabia mais o que fazer, não havia como se libertar das correntes e não fazia ideia do que estava acontecendo. A sua aflição era maior que a dor que sentia a cada golpe desferido contra ele.

— Ele não sabe de nada, senhor — disse um soldado ao homem que o interrogava. O sujeito olhou para seu subordinado com um sorriso sarcástico e lhe desferiu um golpe como havia feito com Tom há alguns momentos.

— Eu decido a verdade — esbravejou o homem. — Desamarrem ele! Vamos ver até onde ele consegue segurar — ordenou a seus soldados e assim o fizeram.

Prestes a perder a consciência, Tom sentiu seu pulmão queimando e a falta de ar começando a lhe afetar. Quando abriu os olhos viu que sua cabeça estava sendo pressionada contra a água e ele não conseguia respirar. Segundos antes de desistir, foi puxado de volta à superfície e seus pulmões se encheram com o ar da sala, aliviado de não ter morrido afogado, mas ainda cuspidando água pela sua garganta que queimava a cada tentativa de inalar oxigênio.

— Vou perguntar mais uma vez... — O torturador então foi interrompido por mais soldados que entraram na sala sem sua permissão, deixando-o furioso. Porém, a entrada de um homem diferente com um manto branco que cobria sua armadura fez com que todos os soldados se curvassem, inclusive aquele que buscava respostas.

— Fui informado que até agora você não obteve respostas, Ananias. Como você explica essa completa falta de competência para resolver um assunto tão simples? — perguntou retoricamente o homem de um jeito esnobe e altivo, como se fosse um deus dentre os mortais e os presentes na sala não fossem dignos de sua presença.

“Ananias” pensou Tom consigo mesmo. Então este era o nome do sujeito que lhe torturava e que agora era humilhado por uma espécie de comandante, dando-lhe uma pausa na tortura. Seu corpo doía de forma inimaginável, como nunca sentira antes.

— Até agora não, mas obterei em breve, meu senhor. Esses vermes acabarão cedendo, eles sempre cedem.

Pela primeira vez Tom via medo nos olhos daquele que antes era seu algoz. Não pôde negar um pingão de felicidade por ver o homem ser humilhado por seu superior.

— Você não garante nada. Pare as torturas, essas pessoas não sabem de nada, nem nunca vão saber. Mantenha-os presos e vivos. Recebi ordens de levá-los às minas e aos campos de sal — ordenou o homem, já se virando para sair e ir embora, certo de que seu comando seria cumprido.

O homem mal olhou em direção a Anthony, que estava jogado em um canto escuro da sala, no chão coberto de sangue e lama. Este sujeito parecia ser tão importante que nem se importava em prestar atenção no que o rodeava. Mesmo com os olhos inchados pelos murros que levara, Tom não pôde deixar de notar sua vestimenta peculiar.

Ele aparentava estar na casa dos cinquenta anos, possuía boa aparência, cabelos bem penteados e grisalhos, armadura com um metal aparentemente mais bem trabalhado do que daqueles à sua volta.

Tom pensou que certamente ele era alguém importante, talvez um general ou algo parecido, mas também não deixou de notar que o senhor também disse ter recebido ordens. Devia haver alguém ainda mais poderoso que ele e Tom sequer podia imaginar quem seria. Ele ficou curioso com a menção de minas e campos de sal, então decidiu prestar atenção para compreender melhor a situação. Embora ficar acordado tivesse se tornado uma tarefa árdua, sua visão estava turva e sua língua tateava sua boca em busca de dentes perdidos.

— Mas senhor? — Ananias tentou resistir às suas ordens, mas estremeceu com o olhar do seu superior quando este se virou e o fulminou com os olhos, demonstrando insatisfação com a insubordinação. — Sim, senhor. Aguardaremos suas próximas ordens e manteremos essas pessoas vivas — disse, abaixando a cabeça e se mantendo assim.

— Bom, voltarei em alguns dias para buscá-los. — O homem de armadura e manto branco virou as costas e partiu na certeza de que sua ordem seria obedecida. Aparentemente ele despertava um medo além da medida no sujeito que antes lhe torturava e parecia ser o mais destemido de todos. Sua capa lhe conferia uma aparência mística e ao mesmo tempo misteriosa. Ao se virar, seu manto levantou a poeira do chão e seguiu seus movimentos para fora daquele cômodo.

Ananias, que aparentava estar furioso, ordenou que Tom fosse colocado junto aos outros presos. Ele foi então levado pelos soldados, arrastado e jogado na lama. Apesar de ter sido liberado, seus ferimentos eram insuportáveis. Não conseguiu senão ceder à escuridão e perda de consciência. Louco para despertar de mais um terrível pesadelo, Tom sentiu como se tivesse passado horas desacordado. De tempos em tempos ele abria os olhos precariamente, mas ainda assim não conseguia se sentir totalmente consciente ou capaz de se levantar. Não sabia se estava alucinando ou não, mas em algum momento alguém, ele não pode ver quem, lhe deu um pouco de água para que ele não morresse de sede.

Após horas — ou dias, ele havia perdido a noção de tempo —, Tom abriu os olhos e viu que ainda estava lá, jogado em um canto escuro e úmido que exalava um cheiro muito desagradável que misturava terra molhada com suor e sangue. Ele conseguiu se pôr de pé com muita dificuldade. Apanhara tanto que estava anestesiado com a dor e

se perguntava quando — e se — acordaria, e imaginava se de fato acordasse ele ainda teria todas as marcas da tortura que acabara de sofrer.

Olhou ao redor e desta vez ele conseguia enxergar formas e contornos: havia diversas pessoas deitadas, outras em pé, em silêncio, observando a lua e as estrelas. Tom pôde enxergar os soldados no topo da muralha em locais mal iluminados por piras de fogo. Por sua visão ainda estar embaçada, somente viu as armaduras foscas e azuis com entalhes em tons de branco, elmos com rabos de cavalo negros como suas capas, o que os diferenciava do senhor que lhe salvara involuntariamente. Em seus escudos havia um brasão cujo símbolo não era estranho a Tom, porém indistinguível daquela distância.

A imagem parecia chamá-lo, atraí-lo para uma lembrança da qual não se recordava. Talvez fossem as chamas ao fundo ou o olhar penetrante na face da figura, mas algo não fazia sentido. Tom voltou a si estupefato e intrigado com o fato de ter ficado tanto tempo olhando o símbolo como um louco. Finalmente pôde entender onde estava. Parecia ser uma espécie de prisão, mas cheia de pessoas comuns. Algumas não pareciam ser perigosas; todas mal vestidas e com aparência triste, muitas cobertas de hematomas, provavelmente por terem sido torturadas da mesma forma que ele.

Seu pensamento foi interrompido subitamente por um barulho ao fundo que parecia ser o de galopes de cavalos e homens gritando palavras indistinguíveis. Ele só conseguiu ouvir:

— Cavaleiros do Império chegando! — um homem anunciou e começou a abrir um portão de madeira, pelo que os sons indicavam. Do nada a porta da cela se abriu e entraram por ela quatro soldados a cavalo e mais dez atrás de si com espadas embainhadas e tochas nas mãos. Atrás deles havia sete pessoas acorrentadas, dentre eles uma criança e uma mulher. Todos foram libertos de suas correntes, menos a mulher, cuja cabeça escorria sangue, aparentemente de uma agressão que sofrera. Um homem, que devia ser o marido dela, implorou para que ela fosse liberta:

— Soltem ela, eu vos rogo, meus senhores, faço tudo que vocês quiserem. Nós não estávamos na vila quando ela foi atacada.

Sua súplica foi em vão e ele levou um soco no estômago de um soldado qualquer.

— Levem-na daqui e a deixem esperando na minha cabine. Eu preciso de uma nova empregada — disse Ananias enquanto Tom lhe encarava com ódio e desprezo. Ele representava tudo que o rapaz mais odiava no mundo: homens que acreditavam serem superiores e que eram violentos com os mais fracos, um verdadeiro covarde. — Os outros

ficarão aqui até a volta do General Túlio. Todos serão levados para as minas e desertos de sal para trabalhar.

A mulher começou a gritar, mas seus apelos foram inúteis. Eles a levaram arrastada e deram uma surra em seu marido, que tentou impedir o pior. O homem permaneceu deitado ali, no chão, sem ninguém para lhe ajudar enquanto os outros se dirigiam para os cantos da cela e os guardas saíam. O que mais impressionava o rapaz é que ninguém se prestara a ajudá-lo, o que moveu Tom em sua direção.

— Você só vai piorar a situação, garoto — disse um homem com uma voz firme e ríspida, segurando-lhe pelos braços. — Fique aqui, é melhor para ele e para você.

Sua fala fez com que Tom parasse e prestasse atenção nele. O homem que acabara de lhe dar um conselho parecia mais velho alguns anos, mas mesmo assim ainda jovem; ele provavelmente possuía vinte e cinco ou vinte e sete anos, de aparência forte, cabelos longos e mal penteados, como a juba de um leão.

Contudo, o que mais chamara a atenção de Tom foi a cicatriz em seu rosto, uma marca de três cortes que começavam na bochecha de sua face direita e se estendiam até a testa do lado esquerdo, passando por entre seus olhos. Um dos olhos era totalmente branco, possivelmente de vidro, e o outro parecia profundo como o vazio, como se ele tivesse encarado a morte e vencido a batalha pela vida.

— Qual seu nome? — perguntou Tom, curioso sobre seu novo companheiro de cela.

— Marco, mas as pessoas me conhecem como Rei dos Ladrões — disse o companheiro, com o maior requinte que conseguiu reunir naquele local. O nome “Rei dos Ladrões” não inspirava muita confiança e Tom ficou desconfiado da cordialidade do novo amigo, porém lembrou que alguém lhe dera água enquanto estava meio desacordado e pensou que provavelmente teria sido este Marco.

— Meu nome é Anthony, ou Tom, se preferir — o rapaz procurou ser breve, esperando mais perguntas do que respostas, pois queria entender a dinâmica daquele local e para isso precisava compreender as pessoas e como elas se encaixavam em sua história. Mas antes que pudesse prosseguir, o homem que comandava a prisão falou novamente em um tom de ameaça e alto para todo mundo escutar:

— Vocês serão levados às minas e desertos de sal em breve, sugiro que falem se souberem de algo. Falem e serão recompensados com a boa vontade do Imperador, qualquer um que souber do que aconteceu e quiser nos contar receberá uma boa

recompensa. Se ninguém falar nada, todos irão sofrer as consequências da traição ao Império.

Tom olhou para todos, que tinham suas cabeças baixas e olhares desesperados. Aparentemente nenhum deles sabia de nada e mesmo que soubessem não contariam ao tirano.

— O que é tão importante que aconteceu na vila que esse Imperador quer saber? — perguntou Tom enquanto eles andavam para um local mais recluso.

— Você não estava lá na hora que aconteceu? — questionou Marco, incrédulo.

Ansioso por uma resposta e sem querer revelar sua completa ignorância, Tom improvisou:

— Sim, mas não me lembro muito bem. Permaneci muito tempo desacordado — disse ele, olhando no semblante surpreso do seu amigo, que resolveu deixar passar e respondeu:

— Alguns acham que foi um ataque daqueles que tramam contra o Império. Nunca vi nada parecido.... A vila inteira foi destruída em questão de segundos. Ela veio abaixo rapidamente, consumida pelas chamas. Outros dizem que uma estrela caiu dos céus como se o fogo tivesse sido enviado pelos próprios Titãs que habitam as nuvens. Alguns dias após a explosão os soldados apareceram e o que as pessoas pensavam ser sua salvação era na verdade mais um ato do nosso nobre Imperador, governador do mundo — respondeu Marco, como se esperasse que Tom tivesse entendido a mensagem enigmática. Antes que Tom pudesse lhe perguntar algo mais, o rapaz resolveu deitar perto da parede.

“Estou um pouco cansado, amigo — afirmou Marco. — Gostaria de descansar um pouco, depois te conto mais se você não se lembrar. Acho melhor você ir dormir também, os dias neste buraco tendem a ser longos e, infelizmente, não temos cerveja — terminou ele, como se seu maior problema fosse a falta de cerveja e Tom não pôde deixar de notar a semelhança com Natasha.

Tom percebeu que Marco talvez estivesse evitando falar muito com ele, talvez para encobrir algo... ou poderia ser só sua imaginação. Ele não tinha certeza de mais nada, estava muito perplexo e percebera que o sonho estava demorando mais do que o normal para acabar. Sentou-se e recostou na parede, não com a intenção de dormir — pois achava que já estava dormindo —, só precisava clarear seus pensamentos para descobrir o próximo passo. Ele havia se esquecido da dor que estava sentindo devido aos acontecimentos e agora ela voltara mais forte ainda.

Sua atenção foi roubada por aquele objeto no céu novamente, afinal era muito estranho, mesmo para um sonho. Por ser um amante de astronomia, sabia que aquilo que via era um cinturão de asteroides, pedras gigantes flutuando ao lado da lua, como se algo a tivesse partido em milhares de pedaços que brilhavam agora no mar celeste. Ninguém além dele achava aquilo surreal, então imaginou que fosse parte do cotidiano ter aquelas rochas nos céus. Mas, afinal, não passava de um sonho, esperava. Hipnotizado pelo luar e pelo evento celeste, Tom se recostou na parede, ainda dolorido e tentando processar os mistérios daquele mundo. Sentiu suas pupilas pesarem até que de súbito perdeu sua consciência e novamente a escuridão se apoderou dele.



Gostou da história e quer saber como essa aventura termina?

Leia toda esta jornada!!!

Livro Físico



Ebook



Acompanhe esta história nas Redes Sociais



<http://www.oselodebartholomeu.site.com.br>